

# A importância da literatura segundo o papa Francisco

## The importance of literature according to pope Francis

Luana Martins Golin<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre a importância da literatura no magistério do papa Francisco, a partir da *Carta do santo padre Francisco sobre o papel da literatura na educação* (2024). O pontificado de Francisco foi marcado pela valorização de uma formação integral capaz de unir o intelectual, o ético e o espiritual. Nesse sentido, a literatura aparece como um caminho privilegiado de humanização, favorecendo o desenvolvimento da imaginação, da empatia e da sensibilidade diante do outro. A carta de Francisco ilumina a relevância da literatura não apenas como instrumento escolar, mas como recurso existencial e cultural que educa o coração e favorece a fé. Ao valorizar as narrativas, os símbolos e a palavra literária, o papa propõe que a literatura pode formar sujeitos capazes de dialogar com a complexidade do mundo contemporâneo, superando visões reducionistas e individualistas. Ao atravessar fronteiras culturais, religiosas e linguísticas, a literatura se torna espaço de diálogo intercultural.

### Palavras-chave

Literatura. Papa Francisco. Formação. Teologia. Humanização.

### Abstract

This article investigates the role of literature within the pope Francis magisterium, with particular reference to his *Letter of his holiness pope Francis on the role of literature in formation* (2024). Francis' papacy conceives literature as a privileged locus for integral formation, articulating intellectual, ethical, and spiritual dimensions. In this perspective, literature emerges as privileged path to humanization, fostering the cultivation of imagination, empathy, and sensitivity toward the other. Francis' letter underscores the significance of literature not as a pedagogical instrument, but as an existential and cultural horizon that educates the heart and sustains faith. By privileging narratives, symbols, and the literary work, the pope advances the claim that literature can shape subjects capable of engaging the complexity of the contemporary world, transcending reductionist and individualistic perspectives. In traversing cultural, religious, and linguistic frontiers, literature is thus configured as a space of intercultural dialogue.

### Keywords

Literature. Pope Francis. Formation. Theology. Humanization.

## INTRODUÇÃO

O magistério do papa Francisco tem reiterado a urgência de um diálogo vivo entre fé e cultura, capaz de responder aos desafios de um tempo marcado pela pluralidade e pela fragmentação. Nesse horizonte, a carta *Carta do santo padre Francisco sobre o papel da literatura na educação* (Francisco, 2024) revela a convicção de que a literatura ocupa um lugar central na formação integral da pessoa, contribuindo para a construção de uma interioridade sólida e de uma sensibilidade capaz de reconhecer a dignidade do outro. A leitura aparece, assim, como

<sup>1</sup> Doutora e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Bacharel em Teologia pela UMEPS. Professora do Mestrado Profissional em Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA). Contato: [luanamgolin@gmail.com](mailto:luanamgolin@gmail.com).

exercício de escuta, contemplação e discernimento, que não se limita ao plano estético ou acadêmico, mas se abre à vida concreta e à experiência espiritual.

Este artigo pretende aprofundar três dimensões principais dessa reflexão, em cada uma das seções apresentadas. Em primeiro lugar, será abordada a literatura como caminho de humanização, capaz de articular fé e cultura na tarefa de formar sujeitos sensíveis à complexidade da existência. Em seguida, será discutida a importância da leitura no mundo atual, em contraste com as dinâmicas de dispersão e superficialidade que caracterizam a sociedade digital. Por fim, analisar-se-á o poder espiritual da literatura, compreendida como espaço de revelação, escuta e diálogo entre a Palavra e as palavras, num exercício de escuta fraterna e de esperança.

Ao destacar esses aspectos, busca-se evidenciar como a proposta de Francisco ultrapassa apenas o âmbito educativo e se insere na missão mais ampla da Igreja, convidando a redescobrir na literatura um recurso privilegiado para o diálogo, a formação ética e a vivência da fé em chave humanizadora, inclusiva e existencial.

## **1 LITERATURA COMO CAMINHO DE HUMANIZAÇÃO**

Francisco começa a carta da seguinte forma.

Inicialmente, tinha escrito um título alusivo à formação sacerdotal, mas depois pensei que o que se segue pode ser dito, de modo semelhante, em relação à formação de todos os agentes pastorais e de qualquer cristão. Refiro-me ao valor da leitura de romances e poemas no caminho do amadurecimento pessoal (Francisco, 2024).

O papa percebeu que a formação literária seria muita válida na formação de futuros sacerdotes, contudo, ele estende o alcance para todos os agentes pastorais e para qualquer cristão. Essa universalidade da literatura se justifica ao longo da carta.

No segundo parágrafo da carta, Francisco vai dizer que um bom livro livra do tédio e da solidão. É como um oásis, um refúgio. Um livro é capaz de trazer calmaria e abrir novos espaços interiores. “Na verdade, não faltam momentos de cansaço, irritação, desilusão, fracasso e, quando nem sequer na oração conseguimos encontrar o sossego da alma, pelo menos um bom livro ajudanos a enfrentar a tempestade, até que possamos ter um pouco mais de serenidade” (Francisco, 2024). O contato com um livro traz calmaria, serenidade e é uma ótima opção contra o tédio.

A partir do terceiro parágrafo, Francisco destaca o potencial do livro em relação a outros meios audiovisuais e tecnológicos. Aqui, de forma didática, pode-se observar as capacidades desenvolvidas no processo de leitura.

O leitor é muito mais *ativo* quando lê um livro. De certo modo, reescreve-o, amplia-o com sua *imaginação*, *cria um mundo*, usa as suas capacidades, a sua *memória*, os seus *sonhos*, a sua própria história cheia de *dramatismo* e *simbolismo*; e assim surge uma obra muito diferente daquela que o autor pretendia escrever. (Francisco, 2024, grifos nossos).

## A importância da literatura segundo o papa Francisco

Reescrita, ampliação criativa, imaginação,<sup>2</sup> criação de outros mundos, memória, sonhos, história, drama, simbolismo. Olha a riqueza de possibilidades advindas de um encontro com um livro/texto. “A linguagem é o principal meio de que dispõe o ser humano para se recusar a aceitar o mundo como ele é. [...] Temos a capacidade, a necessidade de refutar, de ‘des-dizer’ o mundo, *de imaginá-lo e dizê-lo de outros modos*” (Steiner, 2005, p. 238, grifo nosso).

Barthes (2013)<sup>3</sup> reconhece que existe uma fruição no processo de leitura, algo que nos aproxima por meio de afetos. Somos tocados, afetados, constrangidos, inquiridos e interpelados pelos textos. Ao ler um texto, criamos outro! A metáfora de Deus como poeta é exatamente a capacidade que ele tem de criar. Assim, George Steiner tinha razão quando disse: “no coração do processo criativo, há um paradoxo religioso. Nenhum homem é mais inteiramente lavrado à imagem e semelhança de Deus ou mais inevitavelmente do que seu desafiante, o poeta” (Steiner, 2005, p. 30). Pode-se imaginar um Deus-poietés, Deus que cria mediante a palavra, verbo em movimento que gera existência ao inexistente. Há algo em comum entre o poeta e Deus, ou algo divino no poeta. Rubem Alves dirá que “as palavras podem ser matéria-prima com que se constroem mundos” (Alves, 1992, p. 57).

Quando se fala em textos literários, estamos diante de mundos: o mundo do autor, o mundo do texto e o mundo do leitor. A carta de Francisco favorece e potencializa a relação do encontro do leitor(a) com o texto. Em outras palavras, a *recepção da literatura* na formação ética e humana de quem a lê é algo de muita importância. “Uma obra literária é, portanto, um *texto vivo* e sempre fértil, capaz de falar de novo e de muitas maneiras, capaz de produzir uma síntese original com cada leitor que encontra” (Francisco, 2024, grifo nosso). Encontros de beleza, poesia e vida. Ao ler uma obra literária o leitor(a) expande seu universo cultural e pessoal. Pode-se dizer que o encontro com o texto no processo de leitura é uma relação de alteridade. Ler é um exercício de colocar-se no lugar do outro, de imaginar consciências, culturas e experiências diferentes, é dialogar<sup>4</sup> com diferentes personagens e perspectivas. O leitor(a) se depara com o texto como um outro que o interpela. A alteridade é também a hospitalidade de acolher a palavra do outro e deixar-se transformar por ela. Eis o dinamismo do encontro com o texto que é vivo, dinâmico e polissêmico.

Outro ponto relevante que a carta papal suscita é colocar a literatura em igualdade com os demais saberes na formação humanística e integral de seminaristas, agentes de pastoral, leigos/as que estudam teologia. O mundo literário é um mundo criado, possível e verdadeiro dentro da narrativa, ainda que se trate de uma narrativa fantástica ou insólita. A literatura não é um saber de segunda categoria que lida com histórias mentirosas e ficcionais, como se a ficcionalidade fosse mentira, porque não está na mesma categoria da história. Veja o que Francisco (2024) diz:

<sup>2</sup> Sobre o tema, ver Iser (2013).

<sup>3</sup> Ver também Leonel (2020).

<sup>4</sup> Bakhtin (1997), por exemplo, fala da dialogicidade e da polifonia. Para ele, todo texto literário nasce do diálogo com outras vozes: do autor, das personagens, da tradição cultural.

é preciso constatar, com pesar, a falta de um lugar adequado da literatura na formação daqueles que se destinam ao ministério ordenado. Efetivamente, esta é, muitas vezes considerada como uma forma de passatempo, ou seja, como uma expressão menor de cultura que não faria parte do caminho de preparação e, portanto, da experiência pastoral concreta dos futuros sacerdotes. Com poucas exceções, a atenção à literatura é considerada como algo não essencial. A este respeito, gostaria de afirmar que tal perspectiva não é boa. Ela está na origem de uma forma de grave empobrecimento intelectual e espiritual dos futuros sacerdotes, que ficam assim privados de um acesso privilegiado, precisamente através da literatura, ao coração da cultura humana e, mais especificamente, ao coração do ser humano.

Francisco aproxima saberes que nem sempre dialogaram: a religião, a fé e a literatura. Nessa interface temos um caminho de mão dupla: 1) a literatura pode auxiliar na reflexão teológica, humana e ética, sem ser instrumentalizada; 2) a religião, como um grande texto da cultura,<sup>5</sup> pode ser também um campo de diálogo para quem provém da crítica literária. Nesse sentido, o elemento religioso, transcendente ou existencial pode estar contido em autores até mesmo ateus. Em contrapartida, por exemplo, a análise de textos sagrados, como a Bíblia hebraica e o Novo Testamento, são fontes riquíssimas do universo simbólico, narrativo e poético. Na carta, o papa Francisco faz uma menção autobiográfica quando diz que foi professor de Literatura numa escola jesuíta, em Santa Fé, na Argentina, entre 1964/1965.

Francisco segue a carta dizendo que a literatura se torna indispensável para aqueles(as) que desejam dialogar com a cultura do seu tempo. A literatura é um campo muito frutífero para se entender o ser humano e suas mazelas, a natureza humana com todas as suas ambiguidades. No contexto literário, o cotidiano ganha espaço, beleza e representação.

Perguntemos: como será possível alcançar o núcleo das culturas antigas e novas se ignorarmos, descartarmos e/ou silenciarmos os símbolos, mensagens, criações e narrativas com que se captaram e se quiseram mostrar e evocar os seus feitos e ideais mais belos, tal como as suas violências, medos e paixões mais profundas? Como falar ao coração dos homens se ignorarmos, relegarmos ou não valorizarmos “essas palavras” com que quiseram manifestar e, porque não, revelar o drama do seu viver e *sentir através de romances e poemas?* (Francisco, 2024, grifo nosso).

A literatura tem a capacidade de apresentar o horizonte cultural de um povo por meio das imagens usadas, da língua, dos símbolos, dos valores e crenças.

O cristianismo vai se estabelecendo ao longo dos séculos em diálogo com outras culturas, principalmente a cultura grega, no período neotestamentário e patrístico. Inclusive, o papa Francisco cita o discurso do apóstolo Paulo no Areópago (At 17,16-34). No referido trecho há citações de dois poetas gregos. “Paulo revela-se um leitor de poesia e deixa intuir o modo como se aproxima ao texto literário, o que não pode deixar de levar a refletir sobre um discernimento evangélico da cultura” (Francisco, 2024). O cristianismo vai se estabelecendo ao longo dos

<sup>5</sup> Veja Nogueira (2012, p. 13-30).

## A importância da literatura segundo o papa Francisco

séculos em diálogo com outras culturas, principalmente a cultura grega, no período neotestamentário e patrístico. Nesse sentido, a literatura torna-se uma via fundamental de diálogo cultural, não apenas no período antigo e medieval, mas também nos tempos atuais.

### 1.1 Cristo encarnado como centro de uma fé contextualizada e relevante

O Concílio de Calcedônia (451 d.C.) reafirmou as duas naturezas de Cristo: a divina e a humana. Em termos cristológicos, temos a dimensão alta-descendente, Deus que se encarna e se faz humano e a dimensão baixa-ascendente, o Cristo humano que vai se descobrindo como divino. Na verdade, tanto uma quanto outra, são complementares e ajudam a perceber essa dimensão divina-humana de Cristo. Certamente, na fala do papa Francisco, há uma chamada para o resgate da dimensão humana de Jesus: “Jesus Cristo feito carne, feito homem, feito história” (Francisco, 2024). O Cristo sofre que assumiu a natureza humana em sua totalidade para se relacionar com a raça humana, como um igual. “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1,14)

Para os cristãos, Deus assumiu as categorias humanas, humanizou-se, tornando-se carne. Assim, em Cristo Jesus, a transcendência se fez imanência. Em Cristo, Deus se torna humano para que os seres humanos possam participar de sua natureza divina. O apóstolo Paulo, poeticamente, escreve sobre isso em Filipenses 2,6-8:

pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.

2 Pedro 1,4 relata a coparticipação humana na natureza divina. Para os cristãos, no conceito de encarnação, Cristo simboliza o advento da eternidade no tempo, do infinito no finito. Portanto, o absoluto que se relativiza na encarnação. Assim, a deificação do homem está em função da humanização de Deus. Como Verbo e linguagem, Cristo encarna *o diálogo entre a humanidade e Deus*.

A urgente tarefa de anunciar o Evangelho no nosso tempo exige, dos fiéis e dos sacerdotes em particular, o compromisso que permita a cada homem encontrar-se com *um Jesus Cristo feito carne, feito homem, feito história*. Todos devemos estar atentos para nunca perder de vista a “carne” de Jesus Cristo: aquela carne feita de paixões, emoções, sentimentos, histórias concretas, de mãos que tocam e curam, de olhares que libertam e encorajam, de hospitalidade, perdão, indignação, coragem, intrepidez; numa palavra, de amor. (Francisco, 2024, grifo nosso).

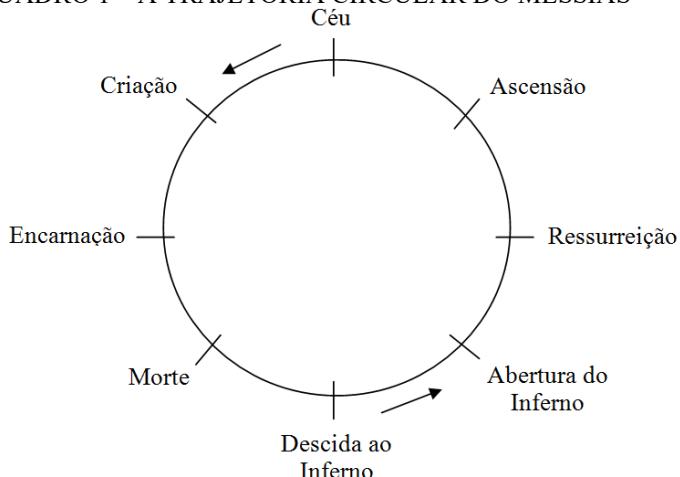
Sob o ponto de vista narrativo, Cristo se revela como um Messias herói. Tal como nas estórias românticas, esse herói se apresenta com seu próprio nome e sua identidade apenas perto do final. No Novo Testamento, Jesus é Salvador tanto como Messias judeu quanto como herói cultural greco-romano. Jesus ensinando no templo aos 12 anos de idade pode ser visto

como um *topos* biográfico grego, pois um grande homem deveria ter uma infância prodigiosa. Para Helen Elsom (1997), a experiência de ler os evangelhos e os Atos é semelhante a de ler uma novela: cada leitor individual segue a identificação de um herói sofredor. A utilização de formas gregas deu ao cristianismo um lugar na ordem cultural greco-romana. Em relação aos Evangelhos, a consideração de Alter e Kermode é a seguinte.

A narrativa por certo não é a única preocupação dos evangelhos, mas é uma preocupação muito importante. É quase impossível imaginar um evangelho sem narrativa. [...] De fato, é impossível imaginar um cristianismo totalmente não narrativo ou um judaísmo não narrativo, e na verdade uma vida não narrativa (Alter; Kermode, 1997, p. 408).

Complementarmente, Frye apresenta um esquema circular da história do Messias que segue na seguinte ordem: céu, criação, encarnação, morte, descida ao inferno, abertura do inferno, ressurreição, ascensão, retorno ao céu (Frye, 2004, p. 212).

QUADRO 1 – A TRAJETÓRIA CIRCULAR DO MESSIAS



Fonte: Frye (2004, p. 212).

Uma espiritualidade encarnada não se refere a uma humanidade abstrata, sem o pé na realidade da vida. A literatura favorece esse olhar para o humano e, nesse sentido, ajuda a desenvolver uma espiritualidade que passa pela carne, pelo corpo, pela vida vivida, em todos os seus aspectos.

## 2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO MUNDO ATUAL

A leitura torna-se uma prática formativa que não apenas amplia horizontes interpretativos, mas também orienta decisões e modos de enfrentar os desafios socioculturais atuais.

De um ponto de vista pragmático, muitos cientistas afirmam que o hábito de ler produz muitos efeitos positivos na vida de uma pessoa: ajuda-a a adquirir um vocabulário mais vasto e, consequentemente, a desenvolver vários aspectos

## A importância da literatura segundo o papa Francisco

da sua inteligência; estimula também a imaginação e a criatividade; simultaneamente, permite que as pessoas aprendam a exprimir as suas narrativas de uma forma mais rica; melhora também a capacidade de concentração, reduz os níveis de *déficit* cognitivo e acalma o stress e a ansiedade. Mais ainda: prepara-nos para compreender e, assim, enfrentar as várias situações que podem surgir na vida. Ao ler, mergulhamos nas *personagens*, nas preocupações, nos dramas, nos perigos, nos medos de pessoas que acabaram por ultrapassar os desafios da vida, ou talvez, durante a leitura, demos às personagens conselhos que mais tarde nos servirão a nós mesmos (Francisco, 2024, grifos nossos).

O diálogo e a identificação do leitor com os personagens e as tramas do enredo são citados novamente neste momento da carta. A citação de C. S. Lewis contribui para o que está sendo dito.

Ao ler as grandes obras da literatura, transformo-me em milhares de homens sem deixar, ao mesmo tempo, de permanecer eu mesmo. Como o céu noturno da poesia grega: vejo-o com uma miríade de olhos, mas sou sempre eu a ver. Neste ponto, como na religião, no amor, na ação moral e no conhecimento, ultrapasso-me a mim próprio e, no entanto, quando o faço, sou mais eu do que nunca (Lewis, 1997, p. 165 apud Francisco, 2024).<sup>6</sup>

A Bíblia, por exemplo, consegue evocar personagens com profundidade e complexidade. Muitos personagens bíblicos ficaram gravados na imaginação de gerações como pessoas vivas. Personagens inacabados, reticentes, opacos, ambíguos, que se transformam ao longo do tempo e da narrativa, que são mutáveis, imprevisíveis e não fixados. Podemos citar o exemplo de Jacó e Davi – personagens que não são planos ou acabados, mas esféricos, cheios de surpresas.

Alter (2007) afirma que os escritores bíblicos estão interessados em como os personagens praticam ou regem as ações, e o uso do discurso direto é um instrumento muito importante de revelação dos personagens. A preferência do escritor bíblico pelo discurso direto aponta para o diálogo e as vozes de personagens. “Tudo no universo da narrativa bíblica gravita em direção ao diálogo” (Alter, 2007, p. 268). Muitas vezes, o discurso do personagem é apresentado como um monólogo interior, como um pensamento falado.

A prosa é também um elemento importante na literatura bíblica. Para Alter, os escritores bíblicos estão entre os pioneiros da prosa de ficção na tradição literária ocidental. “Os narradores das histórias bíblicas são naturalmente ‘oniscientes’, e esse termo teológico transferido para a técnica narrativa tem para eles uma razão de ser especial” (Alter, 2007, p. 234). A prosa deu aos escritores flexibilidade e diversidade de recursos narrativos.

A escrita bíblica recusa a circularidade estável do mundo mitológico e se abre à indeterminação, às variáveis causais, às ambiguidades de uma ficção elaborada para se aproximar das incertezas da vida na história. E eu acrescentaria que, *nesse movimento, a flexibilidade da prosa como meio narrativo* era indispensável, pelo menos no contexto do Oriente Próximo (Alter, 2007, p. 50, grifo nosso).

<sup>6</sup> O papa Francisco cita a edição italiana, mas temos uma versão em português (Lewis, 2019).

Os autores bíblicos, ao utilizarem a ficção em prosa, deixaram um legado cultural para a literatura posterior.

Após citar C.S. Lewis na carta, o papa Francisco cita o grande Jorge Luis Borges. Francisco lembra o que Borges costumava dizer aos seus alunos(as): “o mais importante é ler, entrar em contato direto com a literatura, mergulhar no texto vivo que se tem diante de si, mais do que fixar-se em ideias e comentários críticos” (Borges, 1979, p. 22 apud Francisco, 2024). Muitos alunos(as) nem sempre entendem o que leem. Mas Borges irá destacar que ainda assim teriam escutado a voz de alguém. O papa acrescenta: “aqui está uma definição de literatura que tanto me agrada: *ouvir a voz de alguém*. Não esqueçamos o quanto é perigoso deixar de ouvir a voz de outro que nos interpela!” (Francisco, 2024, grifo nosso). Essa definição de literatura é por si só, uma *definição da escuta e do encontro*, muito característica do magistério do papa Francisco.

Francisco ainda citou a homilia durante a missa com os artistas (de 7 de maio de 1964),<sup>7</sup> proferida pelo então papa Paulo VI. Na ocasião, o pontífice, referindo-se aos artistas, disse:

Precisamos de vós. O nosso ministério precisa da vossa colaboração. Porque, como sabeis, o nosso ministério é o de pregar e tornar acessível e compreensível, melhor, comovente, o mundo do espírito, do invisível, do inefável, de Deus. E vós sois mestres nesta operação, que transforma o mundo invisível em fórmulas acessíveis, inteligíveis (Francisco, 2024).

A citação de Paulo VI revela uma valorização do artista e da arte. Tanto o sacerdote quanto o artista conseguem apontar o caminho para a transcendência, para o outro. E aqui, no discurso papal, percebe-se que a Igreja não se fecha como único caminho de acesso ao inefável, mas se abre para o outro. Os sacerdotes e os artistas têm o poder de tocar o coração do homem e da mulher contemporânea. Nessa perspectiva, a arte não é rival ou concorrente da Igreja, mas necessária e auxiliar no anúncio do Reino de Deus. Eis aqui um ponto muito importante de diálogo efetivo entre e religião, a arte e a literatura.

O papa Francisco continua sua carta citando T. S. Eliot. Até o momento foi possível perceber a erudição literária de Francisco. Com muita sabedoria, o papa percebeu que o mundo contemporâneo vive uma generalizada incapacidade emocional, portanto, carece de sensibilidade. E acrescenta: “no regresso da minha viagem apostólica ao Japão, quando me perguntaram o que é que o Ocidente tem a aprender com o Oriente, respondi: ‘creio que falte ao Ocidente um pouco de poesia’” (Francisco, 2024). Aqui, nota-se uma confluência com o pensamento teopoético. A sensibilidade e humanização não vêm por vias racionais e dogmáticas, mas passa pelos afetos, pela experiência, pela poesia.

---

<sup>7</sup> Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/homilies/1964/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19640507\\_messa-artisti.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/homilies/1964/documents/hf_p-vi_hom_19640507_messa-artisti.html). Acesso em: 5 set. 2025.

## A importância da literatura segundo o papa Francisco

A citação do teólogo alemão Karl Rahner na carta de papa Francisco evidencia a teopoética. Segundo Rahner as palavras do poeta estão cheias de saudade, são portas que se abrem para o infinito e para a imensidão, capazes de invocar o inefável.

A palavra poética “olha para o infinito, mas não pode dar-nos este infinito, nem pode trazer ou esconder em si aquele que é o infinito”. Efetivamente, isto é próprio da Palavra de Deus, e – continua Rahner – “a palavra poética invoca, portanto, a Palavra de Deus”. Para o cristão, a Palavra é Deus, e todas as palavras humanas mostram traços de uma intrínseca saudade de Deus, tendendo para essa Palavra. Pode dizer-se que a palavra verdadeiramente poética participa analogicamente da Palavra de Deus (Francisco, 2024).

Um belo paralelo entre palavra e Palavra. Na carta, especificamente no número 26, aparece pela primeira vez a expressão “ginásio de discernimento” quando Francisco fala do papel que a literatura pode ter na formação. O que ele quis dizer com isso? O papa compara a literatura a um ginásio: um espaço de treino, de exercício contínuo, onde se desenvolvem habilidades e virtudes. Para ele, ao ler romances, poemas e narrativas, a pessoa se exercita interiormente no discernimento espiritual e humano, aprendendo a distinguir sentimentos, motivações, intenções, valores. Esse treino literário ajuda a cultivar: 1) imaginação moral: colocar-se no lugar do outro, compreender dores e alegrias diferentes das próprias; 2) sensibilidade para o concreto: as situações da vida real, complexas, muitas vezes ambíguas e desafiadoras. 3) capacidade de escuta e empatia, essenciais para a vida cristã e especialmente para quem exerce o ministério pastoral.

Num sentido literário, teológico e pastoral, o papa está dizendo que a literatura não é apenas um enfeite cultural, mas um instrumento pedagógico e espiritual que contribui para a arte do discernimento cristão. Portanto, ler obras literárias se torna um exercício de liberdade interior, ajudando a pessoa a reconhecer os próprios afetos e orientar as escolhas segundo o Evangelho. Assim como no ginásio físico se fortalecem músculos e resistência, no ginásio da literatura se fortalecem a mente, o coração e o espírito para o encontro com Deus e com os outros. Em resumo: para Francisco, a literatura é um ginásio de discernimento porque oferece um espaço de treino interior, no qual a pessoa aprende a ler a própria vida e a dos outros com profundidade, compaixão e sabedoria. Por isso sua crucial importância no mundo contemporâneo.

O ato de ler é, pois, como um ato de “discernimento”, graças ao qual o leitor é implicado na primeira pessoa como “sujeito” da leitura e, ao mesmo tempo, como “objeto” do que lê. Ao ler um romance ou uma obra poética, o leitor experimenta efetivamente “ser lido” pelas palavras que vai lendo. Deste modo, o leitor é semelhante a um jogador em campo: faz acontecer o jogo, ao mesmo tempo que o jogo acontece através dele, na medida em que está totalmente envolvido naquilo que faz. (Francisco, 2024).

Esse exercício de leitura é como um tecido vivo envolvente. O texto é o olho que revela Deus e a nós mesmos, gerando autoencontro e transformação espiritual. O leitor(a) completa o

sentido com sua própria experiência. “Ao ler, descobrimos que o que sentimos não é só nosso, é universal, e, por isso, até a pessoa mais abandonada não se sente só” (Francisco, 2024).

João Batista Libânio discorre sobre a importância de se aprender a pensar. Nesse processo, a leitura dos clássicos torna-se fundamental.

A cultura considera clássicos alguns autores. A palavra *clássico* quer dizer que esses autores merecem ser estudados na sala de aula. Os clássicos abordam problemas humanos em tal nível de profundidade que ultrapassam o tempo e a geografia de suas obras. *Alcançam-nos hoje*. Trazem-nos à tona *questões fundamentais da vida*. A cultura da pós-modernidade tem valorizado demasiadamente o presente, a ponto de descuidar *o encontro com os clássicos*. As atualidades descuram da lição dos clássicos. Eles nos ensinam a pensar pela grandiosidade dos problemas que abordam. Arrancam-nos da pura temporalidade e nos projetam para um arco mais amplo da história (Libânio, 2001, p. 42-43, grifos nossos).

A dimensão universal e atemporal dos clássicos, incluindo a literatura bíblica, é algo muito relevante para a formação atual. Segue um exemplo prático de um professor de Literatura, que dava aulas para médicos e agentes da saúde, sobre a importância humanizadora da literatura clássica. A disciplina era oferecida como uma eletiva, portanto não era obrigatória e funcionava como um laboratório de leitura. Escolhia-se um livro que era lido, coletivamente, com a turma interessada. No processo de leitura, acontecia a mágica do encontro: com o texto, com as personagens, com as interpretações dos colegas, com as histórias narradas... Muitos que já tinham ouvido sobre a importância da humanização na saúde, em aulas expositivas, ali, em contato com os livros, *vivenciaram e experimentaram* a dimensão humanizadora proveniente da atemporalidade dos clássicos.

Antonio Magalhães (2000) escreveu um livro muito importante na discussão sobre a interface e o diálogo entre religião, teologia e literatura. O título da obra, *Deus no espelho das palavras*, poderia aqui ser parafraseado, como *O humano, a humanidade e o leitor no espelho das palavras*. Nesse encontro com o humano, Deus também se revela.

### **3 O PODER ESPIRITUAL DA LITERATURA**

A literatura tem o potencial de despertar afetos e encontros. Ao olhar o outro, conseguimos refletir melhor sobre nós mesmos. Somos despertados para a prática da empatia, da identificação e da tolerância.

Quando se lê uma história, graças à visão do autor, cada um imagina, à sua maneira, o choro de uma jovem abandonada, a idosa que cobre o corpo do neto adormecido, a paixão de um pequeno empreendedor que tenta ir para diante apesar das dificuldades, a humilhação de alguém que se sente criticado por todos, o rapaz que encontra no sonho a única saída para a dor de uma vida miserável e violenta. À medida que sentimos vestígios do nosso mundo interior no meio dessas histórias, tornamo-nos mais sensíveis às experiências dos outros, saímos de nós próprios para entrar nas suas profundezas, conseguimos compreender um pouco mais as suas lutas e desejos, vemos a realidade com

## A importância da literatura segundo o papa Francisco

seus olhos e acabamos por nos tornar companheiros de viagem. Assim, mergulhamos na existência concreta e interior do vendedor de fruta, da prostituta, da criança que cresce sem pais, da mulher do pedreiro, da idosa que ainda acredita que vai encontrar seu príncipe. E podemos fazê-lo com *empatia* e, por vezes, com *tolerância* e compreensão. (Francisco, 2024, grifos nossos).

Empatia, identificação, tolerância... Ao olhar o outro, conseguimos refletir melhor sobre nós mesmos. Francisco termina sua carta dizendo que espera ter evidenciado o papel que a literatura desempenha na educação do pastor ou futuro pastor. A literatura que toca a mente e o coração, como um exercício livre e humilde de racionalidade. A literatura que leva em consideração o pluralismo das linguagens, que tem o poder de alargar a sensibilidade humana, como uma abertura espiritual “para escutar a voz através de muitas vozes” (Francisco, 2024), numa espécie de polifonia do absoluto.

Com muita sabedoria Francisco (2024) diz que “a literatura ajuda o leitor a quebrar os ídolos das linguagens autorreferenciais, falsamente autossuficientes [...] que por vezes correm o risco de contaminar até o nosso discurso eclesial, aprisionando a liberdade da Palavra”. A palavra literária se abre à Palavra que habita na palavra humana. A palavra literária é inacabada, e seu conhecimento não é definitivo, pleno e completo, mas se torna vigília de escuta e espera.

Por fim, Francisco (2024) recorda que a primeira tarefa que Deus confiou ao ser humano no jardim do Éden foi dar nome aos seres e às coisas. “A missão de guardião da criação, atribuída por Deus a Adão, passa primeiramente pelo reconhecimento de sua própria realidade e do sentido da existência dos outros seres”. Nomear e dar sentido, eis aqui a tarefa de Adão e também do sacerdote.

A afinidade entre o sacerdote e o poeta manifesta-se assim nesta misteriosa e indissolúvel união sacramental entre a Palavra divina e a palavra humana, dando vida a um ministério que se torna serviço cheio de escuta e compaixão, a um carisma que se traduz em responsabilidade, e a uma visão do verdadeiro e do bem que se abre como beleza. Não podemos renunciar à escuta das palavras que nos deixou o poeta Paul Celan: ‘quem realmente aprende a ver, aproxima-se do invisível’ (Francisco, 2024).

Rubem Alves (1992) dizia: “para pensar sobre Deus não leio os teólogos, leio os poetas”. Parece que o papa Francisco concorda com ele.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões de Francisco sobre o papel da literatura, expressas na carta publicada em 2024, propõe a leitura como prática de interioridade, escuta e atenção. Ler é, segundo o papa, mais do que um exercício intelectual: é entrar em contato com personagens, conflitos e experiências que nos preparam para viver com maturidade, ampliando a sensibilidade diante da vida.

A literatura é apresentada como ensaio de humanidade, capaz de unir beleza e leveza a um itinerário de discernimento. Nesse sentido, ler significa também ser lido: o texto interpela,

questiona, provoca, tornando-se campo de autoconhecimento e de escuta fraterna. Para além da reflexão, a poesia e a prosa resgatam a importância da contemplação em um tempo marcado por pressa e fragmentação, despertando a criatividade e a renovação interior.

Ao valorizar a diversidade de culturas, tempos e vozes, a literatura torna-se espaço de encontro, ponte entre mundos distintos e linguagem que reconhece a dignidade de cada história. Por isso, a leitura aparece como experiência formativa acessível, que educa para a empatia, o diálogo e a amizade social. Em um horizonte de urgências e distrações, o convite de Francisco a redescobrir a literatura aponta para um gesto de esperança. 

## **REFERÊNCIAS**

- ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Orgs.). **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: Unesp, 1997.
- ALVES, Rubem. **O que é religião?** 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 2001.
- ELSMOM, Helen. O Novo Testamento e a escrita greco-romana. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Orgs.). **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: UNESP, 1997.
- FRANCISCO. Carta do santo padre Francisco sobre o papel da literatura na educação. **Santa Sé**, 17 jul. 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2024/documents/20240717-lettera-ruolo-letteratura-formazione.html>. Acesso em: 5 set. 2025.
- FRYE, Northrop. **O código dos códigos: a Bíblia e a literatura**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- LEONEL, João. A leitura literária da Bíblia e sua contribuição para a espiritualidade cristã. **Teoliterária**, São Paulo, v. 10, n. 22, p. 11-30, set./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/46591/33870>. Acesso em: 5 set. 2025.
- LEWIS, Clive Staples. **Um experimento em crítica literária**. São Paulo: Thomas Nelson, 2019.
- LIBÂNIO, João Batista. **Introdução à vida intelectual**. São Paulo: Loyola, 2001.
- MAGALHÃES, Antonio. **Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2000.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Religião como texto: contribuições da semiótica da cultura. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). **Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 13-30.

## A importância da literatura segundo o papa Francisco

PAULO VI. “Misa de los artistas” en la Capilla Sixtina: homilia de su santidad Pablo VI. **Santa Sé**, 7 maio 1964. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/homilies/1964/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19640507\\_messa-artisti.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/homilies/1964/documents/hf_p-vi_hom_19640507_messa-artisti.html). Acesso em 5 set. 2025.

STEINER, George. **Depois de Babel**: questões de linguagem e tradução. 3. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2005.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola Lima; PAGOT, Talis. Papa Francisco: uma década impulsionando a cultura do encontro. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 32, n. 3, p. 372-375, abr./jun. 2022. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/13250/6241>. Acesso em: 15 set. 2025.

Recebido em: 01/10/2025.

Aceito em: 04/12/2025.